

# Componentes filosóficos do olhar trágico-histórico em Machado de Assis

Claércio Ivan Schneider<sup>1</sup>  
UNESP

**RESUMO:** Neste artigo, pretende-se identificar e analisar a constituição e o significado do pensamento trágico-histórico em Machado de Assis a partir do estudo e da análise de alguns de seus principais críticos: Barreto Filho, Miguel Reale e Afrânio Coutinho. Estes críticos estabeleceram uma inteligibilidade do projeto literário machadiano a partir da historicidade de suas influências filosóficas e contextuais. O olhar trágico de Machado vai sintetizar um estado de consciência que o singularizava no cenário intelectual brasileiro, uma vez que compreendia o final do século XIX pelo filtro do pessimismo, do desencanto, da quebra das aparências, do niilismo, da contradição etc. A idéia fundamental do artigo, portanto, esta em historicizar a tradição literária que toma a filosofia como chave de leitura do “projeto criador” em Machado de Assis.

**PALAVRAS-CHAVE:** Machado de Assis; história e filosofia; tragédia.

**ABSTRACT:** This article seeks to identify and analyze the formation and meaning of the tragic-history thoughts in Machado de Assis from the study and the analysis of some of its main critics: Barreto Filho, Miguel Reale and Afrânio Coutinho. These critics established an intelligibility of the machadiano literary project from the historicity of his philosophical and contextual influences. The tragic-look of Machado will summarize a state of consciousness that singularized him in the intellectual scene in Brazil, once understood that the end of the nineteenth century by the filter of pessimism, the disenchantment, the break of appearances, nihilism of contradiction etc. The fundamental idea of the article, therefore, is to historicize a literary tradition that takes philosophy as a key reading from the “project creator” in Machado de Assis.

**KEYWORDS:** Machado de Assis; history and philosophy; tragedy.

Eu, posto creia no bem, não sou dos que negam o mal, nem me deixo levar por aparências que podem ser falazes. As aparências enganam; foi a primeira banalidade que aprendi a vida, e nunca me dei mal com ela. Daquela disposição nasceu em mim esse tal ou qual espírito de contradição que alguns me acham, certa repugnância em execrar sem exame vícios que todos execram, como em adorar sem análise virtudes que todos adoram. Interrogo a uns e a outros, dispo-os, palpo-os, e se me engano, não é por falta de diligência em buscar a verdade. O erro é deste mundo (ASSIS, 1994, V.III, p.713).

O “espírito da contradição”, evocado por Machado de Assis em crônica de 14 de junho de 1896, parece definir o instinto interrogativo que delega a este escritor uma posição singular no campo intelectual brasileiro. Considerado pela crítica como um dos maiores escritores brasileiros, Machado de Assis já foi alvo de intenso tratamento científico em diferentes áreas do conhecimento. Neste ano de 2008, em que se “comemora” o centenário de sua morte, o mercado editorial comprova esta evidência, ora publicando ora republicando títulos – a maioria deles destinados às obras já consagradas do autor e outros que se restringem aos estudos acadêmicos – que conferem, por um lado, o reconhecimento e o prestígio deste autor e, por outro lado, reforçam a importância de seu projeto literário para a história da literatura brasileira.

Neste artigo, em particular, tem-se a pretensão de identificar e de analisar a concepção e a constituição do pensamento trágico-histórico em Machado de Assis a partir de alguns de seus principais críticos: Barreto Filho, Afrânio Coutinho e Miguel Reale. Estes intelectuais, em diferentes momentos contextuais do século XX, buscaram a compreensão do universo referencial de Machado de Assis a partir do estudo das influências filosóficas que fortaleceram neste autor uma concepção trágica a respeito do homem e do mundo. Navegando contra a corrente dos otimistas de seu tempo – que viam no projeto republicano e na idéia de ciência o caminho para a modernidade brasileira – Machado de Assis vai assumir uma posição singular, sempre procurando questionar e problematizar aos leitores as contradições e as falsidades que os discursos e as práticas oficiais buscavam escamotear da arena política.

Este procedimento de análise da produção intelectual já consolidada sobre Machado de Assis se faz necessário para o exercício de historicização da tradição interpretativa já existente em torno do cronista e que, direta ou indiretamente, influenciou boa parte das gerações de críticos subseqüentes que se debruçaram sobre o projeto literário machadiano. Busca-se, com isso, a exemplo de Pierre Bourdieu, compreender os esquemas de pensamento herdados e reaplicados no exercício de interpretação. Como destaca o sociólogo, “a análise do discurso crítico sobre as obras é, com efeito, a um só tempo um pré-requisito crítico da ciência

das obras culturais e uma contribuição à ciência da produção das obras enquanto objetos de crença” (BOURDIEU, 1996: p. 339). Este ato de decifração constitui-se enquanto método fundamental para a percepção das categorias de pensamento que já foram empregadas na análise do projeto criador de Machado de Assis. Os discursos críticos sobre a obra e a produção do valor da obra aparecem interligados, uma vez que evidenciam um campo de produção no qual o artista objetivado, socialmente instituído em “criador”, também é o produto. Este procedimento possibilita, por fim, identificar as categorias de pensamento, de percepção e de apreciação já estabelecidas em torno do objeto Machado de Assis, para, na seqüência, reconstruir o código que se encontra empregado na produção da obra cultural.

A influência da filosofia no projeto literário de Machado de Assis é tema central sempre que se procura compreender a originalidade de seu pensamento e o teor crítico de suas observações. Em grande medida, a compreensão das idéias filosóficas ajuda a entender a perspectiva do escritor em relação ao homem e ao mundo que registrou a partir do pessimismo, do ceticismo e do humor sarcástico. Estes componentes retóricos, em maior ou menor grau, definem um Machado de Assis trágico, preocupado em problematizar as contradições de seu tempo, reavaliando as experiências dos homens no repensar de seus problemas, de seus desejos, de suas realizações. Os críticos machadianos buscam, nesse sentido, entender a formação do pensamento crítico do escritor fluminense como uma visão aberta da existência, percebendo o lado trágico da história da constituição do homem “moderno”, entrevisto nos descaminhos do pensamento liberal, na desilusão imposta ao indivíduo pela modernidade e, em muitos momentos, no desprezo para com a nova ordem burguesa.

José Barreto Filho – poeta, advogado, ficcionista e crítico – na obra *Introdução a Machado de Assis*, publicada em 1947, constitui-se como um dos primeiros autores que passa a valorizar os problemas existenciais na composição da obra machadiana, buscando, para tanto, perceber as posições políticas, o enfoque trágico e a noção de tempo destruidor. É a partir do estudo deste autor, de sua fórmula interpretativa, que se inicia o pensamento a respeito do caráter propriamente trágico presente na obra de Machado em sua maturidade e que vai ser reflexo, em estudos posteriores, na importância atribuída à filosofia na formação do pensamento pessimista.

A leitura de Barreto Filho identifica o espírito trágico enquanto um componente interpretativo que perpassa por toda a obra machadiana. Segundo o autor, o sentimento do tempo fazia com que Machado nutrisse uma compreensão desconfiada, muitas vezes negativa, do sentido do progresso, da vida e da morte, fazendo uso da ironia, do humor e do pessimismo, como instrumentos retóricos para a sua narrativa trágica.

A presença do trágico é, com efeito, sintoma de grande maturidade, porque está sempre ligada à época clássica de uma nação, ao apogeu e equilíbrio de suas forças. O artista trágico cria então os modelos que hão de sobreviver e inspirar a alma popular, retificando a consciência e o caráter da coletividade (1947, p.127).

A maturidade machadiana está ligada ao que os críticos identificam enquanto revolução de espírito, que se mostra, em termos de produção literária, a partir de 1880 com a publicação de *Memórias Póstumas*, e, na vida particular, com a manifestação mais aguda da doença epilética que o incomodava e humilhava. A partir deste momento, continua Barreto Filho, ele se coloca subitamente no ângulo de visão adequado à sua vocação do trágico, e promove com um gesto decidido a derrocada das aparências que lhe impediam o acesso às fontes da realidade. Não mais a ilusão, nem a fuga na produção idealizada [fase romântica]. O que ele vai agora contemplar é a essência da vida e do homem (1947, p.131).

Fruto da instabilidade social de seu contexto? Um sentimento de crise de espírito diante dos abalos físicos e emocionais de sua vida pessoal? Talvez a resposta para seu olhar trágico possa ser encontrada pela combinação destes elementos. Seja como for, “as transformações sociais a que ia assistindo, e aquelas que pressentia, articulavam-se aos temas eternos, constitutivos da visão trágica da vida: a irreversibilidade do tempo, a lei do perecível, a dura contingência da morte e a existência do mal sob todas as suas formas” (1947, p.130). Questões complexas que se relevam, acima de tudo, na fase madura de Machado. Acredita-se, assim, que seu sofrimento físico e moral, bem como as incertezas quanto ao futuro, amadureceram Machado, além de aguçar seu pessimismo e seu olhar trágico em relação à crueldade da vida e à incerteza do destino humano. É na contemplação da verdade, portanto, da realidade que assistia a partir de sua privacidade, que fez com que percebesse em tudo o absurdo e o mal da existência. É natural que um espírito inquieto se manifestasse através do trabalho artístico, uma vez que este lhe dava a oportunidade de expressar e dominar um lado sombrio da realidade de seu tempo. Mas em que consiste esta visão trágica? Segundo Barreto Filho, a visão trágica (...) não se detém na superfície das coisas nem das aparências. Não são as manifestações sociais ou psicológicas do sofrimento e do mal o que semelhante artista procura fixar. A arte naturalista ou romântica apenas aflora as camadas externas do mal, mas conserva uma possibilidade otimista, como se a harmonia fosse inerente à vida. O artista trágico avança para o fundo da existência. É o desbravador audacioso e descenda o mal absoluto, irremediável e fatal. Somente a arte e a magia da forma são capazes de trazer essa misteriosa consolação (...) (1947, pp.128,29).

Machado fez de seu projeto literário uma arte que servia de consolo para o espírito. Neste ponto, a interiorização do espírito passa pela análise das contradições do homem em matéria moral, reflexo da instabilidade social de seu

tempo, que se caracterizava, em termos institucionais, na corrosão da estrutura do Império. Para dialogar com a fragilidade deste tempo é que faz uso do recurso ao trabalho artístico, que “lhe dava oportunidade de transcender e dominar o lado sombrio da realidade, pela superioridade do espírito” (1947, p.130). A atitude sarcástica, o pessimismo latente e o humorismo são marcas desta fase madura que Machado manifestava em seu projeto criador.

Uma espécie de cinismo amargo e desenvolto caracteriza as produções da época de *Brás Cubas*, inclusive as suas crônicas. O moralista adota uma atitude sarcástica, cheia de virulência especial. Há nele pela primeira vez um frenesi interno, que o estilo comedido mal consegue disfarçar, e que poreja revolta e desapontamento, como se a vida houvesse abusado de sua inocência e boa fé. A sua reação, em face da crise dos quarenta anos, reproduz a surpresa melindrada da infância, já agora sem o corretivo da alegria matinal de viver. De modo que o seu espírito é sombrio, irônico, ferino e inquieto, disfarçando a agitação da sensibilidade no derivativo do humorismo (1947, p. 132).

Barreto Filho alerta para o uso do humor como instrumento destinado a fornecer um ângulo de visão que desnudava a contemplação da essência da vida de todas as suas aparências. Uma liberdade de espírito que Machado não podia manifestar em sua vida profissional. Neste ponto, o recurso da atividade artística, ou seja, seu projeto criador ou a obra de arte, lhe oportunizava transcender o lado sombrio da realidade, constituindo-se enquanto uma via de “liberação amarga e árida porque nela não houve lugar para a esperança, ficando apenas o orgulho do espírito solitário e inatingível, afrontando o mal da existência” (1947, p.133). Um humor, portanto, fruto do desengano, da decepção, da angústia e do desequilíbrio que a vida pessoal e profissional introjetava, a ponto de consolidar a partir de sua arte, um pessimismo definitivo que passa pela representação sombria, irônica, inquieta e debochada da realidade da qual fazia parte, derivativa do humorismo. O romancista, destaca Barreto Filho, “começa a sorrir da razão, pleiteando contra ela uma filosofia do desespero, e aplicando toda a sua virulência sobre as consolações racionais que o otimismo do século agitava” (1947, p.136).

A angústia do tempo e da morte é tema recorrente em seus escritos na maturidade. A contradição da aspiração pela vida, pela eternidade, se esvai na certeza da morte, que nem a razão consegue explicar, eis a realidade absurda e contraditória que o homem não consegue alterar. Machado criticava os otimistas de seu tempo que procuravam, a partir de teorias sociais – como o positivismo – “afastar do foco da consciência o problema fundamental do sofrimento e da desarmonia do universo” (1947, p.137). Ou seja, a aversão de Machado às teorias inventadas pelos homens passa pela crença de que tal expediente adormecia a consciência trágica do irremediável, da qual o homem não passa de um brinquedo em meio a forças desconhecidas. Ainda com Barreto Filho, o que acontece, pois, a

partir da crise de espírito dos quarenta anos, é que ele descobre afinal e consente em encarar de frente o trágico da condição humana, e experimenta uma reação de pânico e perplexidade que a criação procura corrigir, porque só a formulação desse estado vertiginoso e angustiado equivale à liberação. E ao mesmo tempo se apresenta a perspectiva adequada para comunicar essa experiência, que é o humorismo e a ironia, essa maneira de depreciar sistematicamente a vida por nostalgia e ressentimento (1947, p.153).

Neste ponto, Barreto Filho afirma diferentemente dos críticos contemporâneos, que o ressentimento machadiano não se restringe às deficiências reais de sua condição social, mas sim, "passa por uma queixa da vida pela sua contradição intrínseca, pelo grande amor que ela desperta sem ser capaz de saturar, pelo seu caráter efêmero" (1947: 154). Mas essa melancolia e desesperança não teriam influenciado a realidade vivida, prática do autor? Para Barreto Filho.

O que é mais estranho nele é que esse desconsolo, esse espírito do *Eclesiastes*, não tenha crestado definitivamente o seu humanismo, que permaneceu sob as espécies de uma sabedoria natural das coisas humanas, deixando-o indulgente, cortês, reservado, cultivando um conjunto de virtudes morais e sociais, e preferindo obstinadamente os prazeres da vida privada. É isso que não permite à sua figura humana alcançar a grande antiga, chamando deliberadamente a sua experiência, de fundo genuinamente trágico, para um registro inferior (1947, p.154).

É a arte que acalma a sua inquietação. A força da disciplina garantia o equilíbrio, a ponderação e o domínio de sua emotividade. Neste ponto, a ironia e o humor, componentes retóricos de seu projeto criador, possibilitavam olhar para o objeto de análise com uma certa distancia que acabava por diminuir a ação do estímulo sobre a sensibilidade, mantendo a serenidade do espírito. A explicação para esta feição particular pode ser entendida a partir de sua identificação com a tradição imperial. Isso pode ser percebido quando se observa o antagonismo de Machado para com as modificações que o império passava. Ausentou-se dos acontecimentos, considerando-os de longe com indisfarçável hostilidade, mostrando-se insensível para com os entusiasmos republicanos.

A queda da monarquia era aos seus olhos a ruína da tradição, a derrocada institucional, sob a pressão dos excessos temperamentais e das inconseqüências que ele e o Império desejaram frear no nosso povo. Valia como uma infração às leis da proporção e do bom gosto, retirava a pompa da Coroa e o sentido civilizador do parlamentarismo para deixar o país identificado com a vulgaridade dos demais países da América Latina, que ele tanto ironizava. No homem que se modelara pela feição imperial, orgulhosa de sua diferenciação no continente, tudo isso era sofrido como uma lesão na sua própria personalidade (1947, pp.157,58).

Com a instalação da república e a conseqüente ordem civil retomada, o tom dos escritos machadianos, principalmente em suas crônicas, variava. No

entanto, a referência constante às sobrevivências do estilo imperial no jogo das instituições republicanas era feita com satisfação. Assim, antes de ir ao encontro das revoluções pelas quais passava o Brasil, opta por retroceder seu olhar às coisas mais antigas, que se referem aos grandes homens do império, ao parlamento, entre outros temas propriamente imperiais, que lhe pareciam mais gloriosos, por isso de sua predileção. Como destaca Barreto Filho, Machado se retrai à vertigem dos novos tempos, e pôde assim apurar a sua contemplação e o trabalho paciente de exprimi-la. A natureza humana desvenda-lhe os seus segredos e surpresas. Há uma curiosidade psicológica que o leva a investigar os desvãos da alma como se desmonta um aparelho delicado para observar as suas engrenagens. A loucura, a excentricidade, os compromissos da consciência, o maquiavelismo da vida cotidiana, são os assuntos prediletos desse moralista que perdeu, pouco a pouco, a intenção de corrigir ou reformar, mas que recomendava o exame da consciência como necessário à saúde mental (1947, p.161).

O exame da consciência parece indicar a necessidade da crítica das idéias e das práticas do homem na modernidade brasileira. O maquiavelismo da vida cotidiana, a loucura, a excentricidade e a consciência aparecem como temas prediletos uma vez que mostram as contradições de um mundo feito de aparências onde os homens interpretam personagens fragmentados, de consciência dilacerada. A obra de Barreto Filho, que pode ser considerada uma leitura obrigatória da bibliografia sobre Machado de Assis, ressalta os problemas existenciais do escritor fluminense, fazendo menção a influencia deste autor com Proust, sobretudo em relação ao tempo como destruidor. Assim, ora a obra é que explica o autor, ora o autor é que explica a obra gerando um sistema reflexo, ou seja, mostrando que a estética esteve em paralelo com a moral. O constante problema que perpassa por toda a obra machadiana é o homem, ou a visão antropológica do mundo. Para tanto, os valores metafísicos transfigurados em valores estéticos e artísticos é que situa o pensamento de Machado no exercício de analisar a alma humana na especificidade brasileira do final do século XIX. Barreto Filho, como visto, atenta a esta questão, mas não é o único. Afrânio Coutinho e Miguel Reale também se detêm na identificação das influências filosóficas em Machado de Assis, destacando, principalmente, a presença de Schopenhauer, de Pascal e de Montaigne como influências determinantes na formação do pensamento crítico do cronista.

O crítico literário Afrânio Coutinho na obra *A filosofia de Machado de Assis*, de 1959, busca apresentar o problema das influências filosóficas na afirmação da sensibilidade do escritor, investigando, para tanto, as suas fontes de leitura. O crítico identifica Pascal, Montaigne e Schopenhauer como as principais influencias filosóficas que formaram a concepção de mundo e de homem em Machado. Importante destacar que para Coutinho a filosofia não constitui um sistema fechado na obra de Machado, mas, antes, revela uma "atmosfera filosófica". Atmosfera no

sentido de que o autor de *Memórias Póstumas* revelou em seu tempo uma preocupação constante em ridicularizar, em satirizar a cega confiança dos autores na própria filosofia, como também na ciência e na razão humana que acabavam, segundo ele, por escravizar o homem como resultado de um sistema. Nesse sentido, o espírito filosófico em Machado se revela no pessimismo, e é nessa direção que Coutinho dialoga com a filosofia.

O pessimismo de Machado é a tradução exterior de falta de saúde espiritual. Revela-se nas criações artísticas, por um ódio sistematizado da vida e da humanidade, uma ausência total de simpatia para os homens e de confiança neles, uma indiferença completa para os seus sofrimentos, amarguras e desesperos. É esta a tonalidade geral da sua obra, a nota permanente da sua interpretação do mundo, essa falta de generosidade no julgar os homens e a vida (1959, p.24).

Coutinho afirma que para Machado de Assis a vida é má, uma vez que ela é indiferente ao homem e, por isso, não merece esforço, mas sim o desprezo e o ódio. Continua o crítico, nas manifestações dessa vida ele só enxerga zombaria, ódio, egoísmo, lutas, ridículo, falsidade, cálculo, que formam a trama da comédia humana, e o recurso é não a levarmos a sério, não nos deixarmos “empulhar”. Não encontramos, no seu testemunho da humanidade, os bons sentimentos e virtudes: tudo é egoísmo, hipocrisia, maldade, insinceridade, deslealdade. São raros os atos puros, nobres, altruístas, ou, quando surgem, o autor procura logo desmascará-los apontando a origem egoística ou sensual deles (1959, p.25).

Coutinho enumera uma série de características na obra de Machado que mostram a sua indiferença em relação ao homem, acusando-o de vícios, de ambições, de sentimentos contraditórios, de perversidades que acabam por adornar um indivíduo cheio de vícios e de defeitos morais que o orientam na vida privada e social. A descrença no homem é que molda seu espírito pessimista, apontando para o lado mau da natureza humana. Ainda nas palavras de Coutinho,

Acresce ainda o tom de tristeza e desencanto que se evola de suas páginas, de desconsolo e amargura, de tédio ou saciedade, o laivo de desespero, desilusão, melancolia, miséria universal (...), para termos bem nítida a sua maneira de ver as coisas, e a atmosfera em que ele coloca o homem, essencialmente mau, egoísta e libertino, minado de concupiscência, esse homem que ele acha digno somente da nossa indiferença e em alguns casos do nosso ódio ou desprezo (1959, p.26).

A inconsistência, a incoerência, a inconseqüência e a inconstância dos sentimentos, das vontades e das ações humanas, caracterizam este niilismo machadiano em relação ao mundo e ao homem, no qual desconhece traços de grandeza, de perfeição ou de crença na bondade. Portanto,

Como Pascal, como Schopenhauer, Machado era pessimista porquanto para ele o mundo era essencialmente mau, o mal predominando de todo sobre o bem, a dor sobre o prazer, somente ela sendo verdadeiramente real, pois da sua

cessação momentânea é que surge o prazer, não sendo mesmo o mundo senão obra da vontade de uma Natureza indiferente ao bem e ao mal moral, antes má do que boa, porque essencialmente egoísta nos seus motivos (1959, p.27).

O pessimismo de Machado confunde-se com a desconfiança, com a descrença irremediável e irremovível na razão do homem. Razão esta que para Machado era enganosa e fonte de orgulho, o que causava uma preocupação moralizante sempre que buscava definir o homem e suas relações na vida social. Machado se revelou um observador preocupado com o homem e com a conduta da vida, daí sua ligação com o universal da condição humana. Seu pessimismo, portanto, refletia um sentimento íntimo, pautado na própria experiência, nos choques com a vida cotidiana. Para Afrânio Coutinho, três grandes fatores podem ser destacados como fomentadores da concepção de Machado:

O fator psicológico e constitucional, o social e o cultural. A consciência da inferioridade física pela doença, a constituição psicológica semianormal; o conflito íntimo resultante da consciência da inferioridade social pela origem humilde e mestiçamento, e da preocupação da ascensão social; e as doutrinas abeberadas na leitura e meditação dos autores prediletos, as quais se lhe ajustaram perfeitamente (1959, p.34).

Os fatores acima destacados, que sintetizam o que Coutinho identifica como a transformação no espírito do escritor, podem ser percebidos a partir de 1880 com a publicação de *Memórias póstumas de Brás Cubas*. A partir deste momento é que se pode identificar a concepção técnica, estética e filosófica de um modo mais claro e preciso que fizeram de Machado um pessimista desencantado, ensinando-o a acreditar na maldade humana, amargando desilusões e complexos de inferioridade que pouco a pouco foi justificando seu negativismo.

Importante destacar outro elemento significativo apontado por Coutinho para compreender este negativismo machadiano: a doença. Ao lado da consciência da inferioridade social pela cor e pela origem humilde estava o reaparecimento da doença que lhe provocava mal físico. Segundo Coutinho, no momento em que cessara a instabilidade de vida, pelo casamento, pelo emprego público, pela fixação da carreira; no momento em que surgem os primeiros sintomas de consideração literária, e em que começa a se integrar na sociedade; quando vai procurando forrar-se da circunspeção e da "amável formalidade" com que pretende domesticar a sociedade para dominá-la ou vencê-la, é que surge a doença infamante e humilhante, que anula a personalidade e faz desaparecer a respeitabilidade (1959, p.37).

A epilepsia vem a se somar com as preocupações de inferioridade racial e social, fazendo com que Machado de Assis tivesse consciência de sua miséria orgânica. A enfermidade, portanto, pode ter sido um fator determinante na concepção de mundo que Machado passa a representar em suas obras, apontando a perda das

ilusões, das esperanças e da alegria, e reforçando a idéia da maldade da vida, daí o sarcasmo pelo qual dissecava os vícios e com que realçava as diferentes formas da maldade humana. Uma atitude de censura para a sociedade que o autor considerava errada uma vez que esta lhe causava o sentimento de inferioridade.

A consciência aguda da inferioridade de origem e de posição social, as dificuldades imensas dos primeiros tempos, a miséria orgânica e a cor humilhante; a ânsia de subir e, ao mesmo tempo, as deficiências de que se sentia possuidor; a necessidade de luta, pela carência de recursos que o fazia um tímido, retraído, receoso de desagradar, e o impedia de suplantar esse quinhão de heranças más legadas pela natureza; tudo isto fazia com que Machado fosse levado a somente enxergar a maldade e a deleitar-se no seu espetáculo. Foi a própria vida que lhe herdou os venenos do pessimismo. Sentindo-se ofendido no seu pudor e na sua dignidade, considerou-se um injustiçado. Aparentemente tímido, no fundo era um grande orgulhoso, cujos complexos, cuja mágoa, cujo ressentimento, se traduziram pela arte, sob a forma de uma vasta revolta contra a sociedade, revolta sistematizada e corrosiva, e de uma concepção sem generosidade do homem e da vida (1959, pp.55-56).

Coutinho identifica na condição humana de Machado elementos que sinalizam para um pessimismo. A origem humilde, a doença, a cor mestiça e a idéia de ascensão social passam a ser fatores determinantes, essencialmente autobiográficos, que representam boa parte da população brasileira do período e seu conflito com a vida e com o meio contraditório a sua condição. Daí o pessimismo, daí o desencanto com o homem, daí a perda dasilusões, daí a consciência na miséria humana.

É aliado a esta trajetória de carências que Machado estuda e agrega as suas concepções as grandes obras do pensamento universal. Neste ponto, as leituras de Pascal, de Montaigne e de Schopenhauer influenciaram decisivamente na formação do espírito clássico em Machado, e que aparece de diferentes formas, tanto em seu temperamento, quanto em sua produção literária. Nas palavras de Coutinho, a obra machadiana se distingue como clássica não somente pela preocupação da análise psicológica, senão também pela intenção racional de compreender o mundo; pelo gosto do universal e do permanente detrás do transitório e do local, nos sentimentos, nas situações ou nos temperamentos, descobrindo a identidade essencial do homem no tempo e no espaço; pelo sentimento da realidade natural e da verdade observada; pelo senso da medida, pela utilização de regras, freios e limitações (...) pelo cultivo da perfeição lingüística, compreendida não como uma questão de fidelidade a cânones absolutos e regras fixas tiradas do uso antigo, mas como uma consonância e uma adaptação ao tempo e ao povo, pois cada época imprime a sua marca original à evolução da língua (1959, pp.65-66).

Acresce a estas características clássicas presentes na obra machadiana o

espírito conservador, o respeito à ordem estabelecida, o anti-revolucionarismo de Machado que o filiava, segundo Coutinho, ao clima espiritual do século XVII, impregnado pelo jansenismo – “cuja natureza humana é má e miserável, desprezível e egoísta, escrava dos instintos, com uma tendência incoercível para o mal” (1959, p.70) – que impregnou o século com uma concepção pessimista do mundo.

Portanto, o pessimismo de Machado – sua visão trágica do homem e do mundo –, explica-se, segundo Coutinho, por um duplo movimento. Primeiro, pela trajetória social de Machado, sua condição social, sua doença, sua cor. Segundo, pelas leituras e afinidades filosóficas que lhe incutiram uma visão cruel do homem. Resultado dessa concepção filosófica é a visão da natureza do homem expressa por Machado em sua obra. Para Coutinho, a imagem do homem de Machado é de:

um ser doente, moral e psicologicamente. Dentro dele só há abismo, contradição, enigma; tarado, cheio de vícios, incerto, dubitativo, inconstante, incoerente, contraditório, flutuante, agitado, de espírito volúvel e inteligência fraca, sem nenhum apoio moral, com uma tendência imperiosa para o mal e o crime; escravo da sensibilidade e da imaginação que o extraviam e enganam, de leis arbitrárias, de um hábito tirano, da opinião; desordenado pelas paixões, cheio de misérias, vive eternamente atrás de uma quimera (...). As suas ações, que formam o tecido da tragicomédia humana, tem sempre no fundo, mesmo as boas, um motivo secreto, que as explica e origina, ordenado pela felicidade, interesse, amor-próprio. Sempre o egoísmo, os sentimentos vis e a concupiscência são móveis secretos de toda a vida no mundo (1959, p.96).

Em grande medida, os personagens machadianos representam a realidade de um mundo contraditório. Afrânio Coutinho buscou neste exercício de visitar a obra e a vida do autor, decifrar o enigma filosófico que fundamentava as opiniões de Machado de Assis. É claro que Coutinho sofreu e ainda recebe críticas, principalmente pela referência que faz a predominância de um certo ódio que Machado alimentava pela vida e pelo homem de modo geral. Outros críticos apontam para o caminho do ceticismo em vez do pessimismo, mas, em se tratando de um autor como Machado, as afinidades e o pensamento filosófico ainda serão alvos de intenso tratamento científico. De qualquer forma, as discussões e conclusões de Afrânio Coutinho representam um esforço valioso no trabalho de identificação dos elementos filosóficos presentes na obra de Machado. Mas Coutinho não foi o único.

O escritor, jurista e filósofo Miguel Reale no estudo intitulado *A filosofia na obra de Machado de Assis*, publicada em 1982, busca, de maneira semelhante a Afrânio Coutinho, apresentar as influências filosóficas responsáveis pela concepção de mundo que Machado formou e aplicou em seu projeto artístico. Pascal, Schopenhauer e Montaigne novamente aparecem como referências determinantes

para a formação do pensamento existencial predominante na obra de Machado.

Reale realiza um exercício de releitura dos críticos de Machado, principalmente de Sérgio Buarque de Holanda e de Lúcia Miguel Pereira, para, então, identificar as linhas mestras que iluminam o ceticismo machadiano, sem angústia e sem desespero, que pode ser melhor compreendido a partir da ironia, uma vez que na indiferença do destino, “a vida não conduz a nada de certo ou positivo, ela vale pelo drama ou espetáculo” (1982, p.12). Neste ponto, Reale acredita que Montaigne ensinou Machado a adornar de ironia o seu pessimismo. Pessimismo que é resultado da leitura de um dos autores que Machado tinha como um dos prediletos: Schopenhauer.

A carência de sentido da vida no cosmo; a visão da espécie humana como imprevisto emergir de bolhas à tona do fluxo incessante e contraditório da natureza; a compreensão de que “todas as coisas são magníficas de ver, mas temíveis de ser”, ou “a dor e o tédio como sendo os dois inimigos da felicidade humana” tal como o pensador germânico desconsoladamente nos sentencia”; a atração pelo problema do nada; ou a “lei geral das compensações” são, entre outros, alguns tópicos em que o romancista coincide com o filósofo (1982, pp.12-13).

A inexorabilidade do destino parece ser uma tônica na obra machadiana, mas isso não significa que o escritor tenha se submetido inteiramente a Schopenhauer. Já foi dito que Machado não possui nem se filia a uma filosofia, usa-a apenas como influência para pensar seu mundo e a universalidade do homem. A sua própria realidade, o espelho de sua própria subjetividade já lhe garantia uma forma de ler o mundo pelo viés existencialista. Como afirma Reale, dos quatro conceitos-chaves da Metafísica de Schopenhauer (coisa em si, vontade, natureza e vida) talvez se possa afirmar que Machado de Assis se contenta com as duas últimas, fundando sobre elas a sua cosmovisão artística, ficando entre parênteses qualquer indagação de tipo transcendental: é a vida, tal como se desenrola sem nexo e sem esperança sob os imprevistos acicates de impulsos naturais, só a vida interessa ao nosso romancista. O que o atormenta é o mistério de viver e de morrer, mais do que a busca de sua razão última. No jogo de xadrez da vida, tal como ele desconsoladamente acentua, não há lugar para diagramas (...). Trata-se, pois, de um jogo paradoxal sem tabuleiro, assim como o drama humano não tem enredo (1982, p.14).

O que Reale procura destacar na sua leitura de Machado é a existência como uma realidade palpável e experimental. Neste ponto, as contradições, as encruzilhadas, as coincidências são partes constitutivas da vida que tem o desfecho inexorável da morte. A vida, portanto, em si mesma já é um ir morrendo. A “vontade de viver” se torna um componente da existência humana, de sua natureza. Daí do desconsolo do homem em viver uma vida que não escolheu e que desconhece o

início e o fim.

Mulato, epilético, gago e desprovido de recursos, ele era, em si e por si, a encarnação amarga de um ser projetado à sua revelia nos quadrantes do mundo, inserido numa "circunstância" não querida, e que era mister superar, como superou, afrontando preconceitos e ressentimentos, sentindo a todo instante o acicate da adversidade e a angústia de sua terrível moléstia. Devemos, sem dúvida, procurar captar as tendências filosóficas de Machado de Assis em suas personagens ou nos autores de sua simpatia, mas pondero que é em sua própria personalidade singular que se encontra a fonte primeira de sua visão do homem e da vida (1982, pp.15-16).

A tese de Miguel Reale é a de que foi no âmago da vivência de Machado de Assis, sua trajetória pessoal e profissional, que se pode ler a verdade que o condiciona perante a vida. Uma realidade que deve ser afrontada, uma vez que o essencial "é viver buscando "sair da obscuridade", que é o mal maior da sociedade burguesa, cuja moralidade convencional Machado tão acerbamente ironiza" (1982, p.16). A sociedade da qual Machado participa é entendida como um mundo de convenções e de formalidades que fazem com que o homem valha mais pela opinião dos outros. Logo, viver é representar, e a tragédia esta no fato do homem ignorar o enredo bem como o papel que lhe caberá desempenhar. Talvez seja por isso que o escritor encontra na arte um fim em si mesmo. Reale conclui a primeira parte de seu livro com uma questão decisiva: que representa Machado de Assis na história das idéias no Brasil? Vamos à resposta.

Afigura-se-me essa uma questão bem mais relevante do que o debate para atribuir-lhe ou não o título de filósofo. Num país como o nosso, que não viveu os embates da Reforma protestante, nem passou pela crise espiritual que se desenrola criadoramente de Descartes a Kant; numa sociedade alheia ao sorriso cético de Montaigne e Voltaire, ou ao grito angustiante de Pascal; numa Nação, onde as atitudes dogmáticas se sucedem, revezando-se, no domínio de nossa Inteligência", os escolásticos, os espiritualistas ecléticos, os monistas ou os positivistas, Machado de Assis trouxe-nos algo que transcende a sua posição de homem de letras: é o fermento crítico injetado no cerne de nossa cultura, ao focalizar as perplexidades todas do ser humano, paradoxalmente visto como fator fundante e, ao mesmo tempo, destituído de sentido próprio na imanência de sua dolorosa e imprevisível trajetória (1982, p.22).

Os autores acima citados bem como outros aqui não mencionados, mesmo quando não concordam com a idéia de uma filosofia machadiana não deixam de convergirem no reconhecimento da presença e da densidade filosófica em seus escritos. Influência filosófica esta que se tornou essencial para a compreensão do escritor pelo significado do mundo e o sentido da vida humana. Além disso, as obras acima historicizadas sintetizam uma tradição que toma a filosofia enquanto

chave de leitura do “projeto criador” do escritor fluminense, uma vez que sintetizam quatro décadas de estudos voltados a esta tendência e que até hoje continua latente nos meios acadêmicos.

O estudo do projeto literário machadiano, portanto, revela a compreensão que este autor teve de seu tempo, ressaltando, dentre inúmeros temas, o lado trágico da história da constituição do homem “moderno”. Mais que isso: o projeto literário machadiano é o exemplo representativo de como um gênero pode encontrar, na visão de mundo e no estilo de um escritor deste porte, sua transcendência, perenidade e atualidade, haja vista que o sentido trágico instituído por Machado também é uma interpretação da experiência acumulada pelo homem sempre que pensa a humanidade e a sociedade. Portanto, é importante compreender o seu projeto literário como uma visão aberta da existência.

A presença da concepção trágica, como vista, é determinante em seu projeto criador e é a partir deste conceito que se podem analisar seus escritos na perspectiva do entendimento da condição humana, entrevista como um espelho da formação da sociedade carioca do final do século XIX. Analisar, portanto, as referências filosóficas que, segundo os seus críticos, formaram o espírito trágico em Machado é um procedimento indispensável para o exercício crítico histórico uma vez que caracteriza a produção de textos que registram aspectos de um ambiente sócio-político em acelerada transformação: modernização, racionalização burguesa, cientificismo (discussões raciológicas; idéia de evolução), campanha abolicionista, republicanismo, transição da monarquia para a república, projetos imigrantistas, entre outros inúmeros acontecimentos (oficiais ou não) que marcaram a mudança de condições mundanas do homem urbano em transição para a modernidade.

O conceito de tragédia ou a filosofia trágica torna-se categoria de análise imprescindível no estudo do projeto criador – artístico, literário, jornalístico – de Machado de Assis. Compreendido como recurso estilístico amplamente utilizado na produção de enunciados sobre a sociedade carioca no final do século XIX, a concepção trágica permitiu ao autor de *Memórias Póstumas de Brás Cubas* reavaliar as experiências do homem, atribuindo sentido muitas vezes pessimista ao mundo vivido ao repensar os diferentes problemas de seu tempo, principalmente quando compreendido como dimensão da existência humana. A apresentação dos elementos filosóficos que identificam a vertente trágica em Machado, segundo os estudos de Barreto Filho, de Afrânio Coutinho e de Miguel Reale, consolidaram um caminho interpretativo que hoje passa a ser reinterpretado em diferentes núcleos acadêmicos. Este artigo é exemplo representativo desta tentativa que objetiva o autor Machado de Assis, o seu projeto literário e a tradição interpretativa constituída ao longo do século XX.

## NOTAS

<sup>1</sup> Doutorando em História pela UNESP-Assis. Bolsista da Capes. E-mail: claercio@yahoo.com; Endereço: Rua Alfredo Fornazari, 298. Toledo, PR. CEP: 85905-630.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASSIS, Machado. 1994: *Obra completa*. Vol. I, II, III. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar.

BARRETO FILHO. 1947: *Introdução a Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Editora Agir.

BOURDIEU, Pierre. 1996: *As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário*. São Paulo: Companhia das Letras.

COUTINHO, Afrânio. 1959: *A filosofia de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Livraria São José.

REALE, Miguel. 1982: *A filosofia na obra de Machado de Assis*. São Paulo: Editora Pioneira.